O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 10 | Nº 28 | Boa Vista | 2022

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.6402912

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

TURISMO CULTURAL EM RORAIMA: *TUARÎ-YAMARÎ* (O CAMINHO DOS ESCRAVOS) NO BAIXO RIO MAÚ

Luciano Alvarenga dos Santos[1]

Francisleile Lima Nascimento[2]

Resumo

A presente pesquisa aborda a temática do processo histórico, geográfico da ocupação e expansão da região do Rio Branco no estado de Roraima. O artigo busca refletir sobre a rota para o El Dorado que diversos colonizadores traçaram em busca do imaginário ouro que cobria a cidade dourada, mergulhando no contexto histórico, geográfico e cultural do Baixo Rio Maú pelo trajeto Taurî-yamarî (O caminho dos escravos), através do canal conhecido como Igarapé do Pirara. O objetivo geral parte da busca por meio da revisão bibliográfica em percorrer os aspectos geográficos e históricos do trajeto Taurî-yamarî (O caminho dos escravos) no Baixo Rio Maú, para estabelecer uma rota histórica ao El Dorado. A metodologia da pesquisa parte de uma revisão bibliográfica caracterizada como descritiva e exploratória, fazendo uso de análise de conteúdo e pesquisa participante de campo. Dessa forma, a pesquisa mostra que o Canal do Pirara corresponde ao trajeto da rota para o lendário e o imaginário El Dorado. A rota do El Dorado pode ser um elemento importante para o Turismo Cultural de Roraima, visando o resgate cultural e histórico, bem como a preservação do meio ambiente que cerca o Canal do Pirara. Com a possibilidade de apresentar uma rota técnica e descritiva do Canal do Pirara, a pesquisa evidencia a necessidade para se estabelecer um roteiro turístico dentro da região de forma planejada e sustentável preservando os aspectos naturais e recontando a história do lendário El Dorado.

Palavras chave: El Dorado. Rio Maú. Roraima. Turismo Cultural.

Abstract

The present research focus on the theme of the historical and geographic process of the occupation and expansion of the Rio Branco region in the state of Roraima. The article seeks to reflect on the route to the El Dorado that several colonists have traced in the search of the golden imaginary that covered the golden city delving into the historical, geographical and cultural context of the Lower Maú River along the Taurî-yamarî path (The slaves' path) through the channel known as Igarapé do Pirara. The general objective starts from a search through the bibliographic review in order to advance on the geographic and historical aspects of the Taurî-yamarî path (The slaves' path) in the Lower Maú River that establishes a historical route to El Dorado. The research methodology starts from a bibliographic review characterized as descriptive and explanatory, as well as making use of content analysis and a participatory field research. In this way, the research shows that the Pirara Channel corresponds to the route of the legendary and imaginary El Dorado. The El Dorado route can be an important element for the Cultural Tourism of Roraima aiming at the cultural and historical rescue as well as the preservation of the environment that surrounds the Pirara Channel. With the possibility of presenting a technical and descriptive route of the Pirara Channel, this research evidences the need for establishing a tourist itinerary within the region in a planned and sustainable way preserving the natural aspects and retelling the history of the legendary El Dorado.

Keywords: Cultural Tourism. El Dorado. Maú River. Roraima.

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte de uma revisão de literatura abordando o processo histórico e cultural de Roraima, a partir da leitura de desbravamento e ocupação do Rio Branco e a busca pelo El Dorado. A

[1] Tecnólogo em Gestão de Turismo pelo Instituo Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR). Guia Turístico na empresa Roraima Aventure. E-mail para contato: lulajungle1@gmail.com

[2] Geógrafa. Mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Professora do Salva Vidas Acadêmico (Suporte Acadêmico e Aulas de Metodologia). E-mail para contato: leile_lima@hotmail.com

presente busca, levou colonizadores a desbravar a Amazônia ao imaginário da cidade banhada de ouro no novo mundo da atual região que hoje corresponde ao estado de Roraima, mergulhando assim no Baixo Rio Maú pelo trajeto Taurî-yamarî (O caminho dos escravos), através do canal conhecido como Igarapé do Pirara, navegável somente no período de cheias (FARAGE, 1992).

A ideia do trabalho surgiu durante o último semestre do curso de Gestão de Turismo em 2016, na disciplina de geografia, ofertada pela professora Roseli Bernardo do Instituto Federal de Roraima-IFRR. Nesse período, por conta da disciplina, fomos apresentados a alguns autores que escreveram sobre o Estado de Roraima tendo como tema a Geografia e História.

O aprofundamento da temática guiou os pesquisadores até a biblioteca da instituição com estantes de metal abarrotadas de bons livros. Nesse ambiente foi percebido a verdadeira joia da literatura científica sobre Roraima. Trata-se da tese de mestrado da antropóloga paulista Nádia Farage, cujo título é intitulado: Muralhas dos Sertões. Um primoroso trabalho de pesquisa documental que descreve bem a região do alto Rio Branco e seus antigos habitantes.

Partindo desse relato, surge uma abordagem da autora sobre um intenso comércio que atravessou séculos no Vale do Rio Branco, criando conflitos de interesses geopolíticos entre Portugal e Inglaterra. Conforme a história documentada, havia um canal fluvial que era uma espécie de ponte para uma rota primitiva de transporte de mercadorias que atravessava da bacia Amazônica através do Rio Branco no estado de Roraima. Da bacia do Rio Essequibo na antiga República Cooperativa da Guiana, ali o Essequibo está ligado ao Rio Corentyne estendendo essa rota até a capital do Suriname na beira do mar do Caribe.

Esse canal fluvial por longo tempo era tido como passagem secreta que ligava o interior da Amazônia através dos rios do norte com o oceano Atlântico. Trata-se de um Igarapé sazonal cujo fluxo desagua na margem esquerda do baixo Rio Maú, sendo esse último a fronteira molhada do nordeste de Roraima com a República Cooperativista das Guyanas.

Tal Canal é conhecido como Igarapé do Pirara, que somente é navegável no período das cheias dos rios que aqui no estado de Roraima acontecem nos meses de junho e julho. De certa forma sua localização geográfica exata foi por muito tempo negligenciado, ao ponto de alguns teóricos do século XX o citar em locais totalmente absurdos.

Segundo Farage citando Robert H. Schomburgk referido explorador, esse dito canal foi apelidado pelos indígenas Macuxi até meados do século XIX como “TuaryYamary” Caminho dos Escravos.

Considerando que um conhecimento histórico e geográfico mais aprofundado sobre esse local pode se tornar um grande atributo para o desenvolvimento do turismo em Roraima, a presente pesquisa

levanta a seguinte problemática: De que forma a releitura e resgate da literatura histórica e geográfica do trajeto Taurî-yamarî[3] (O caminho dos escravos) no Baixo Rio Maú, canal conhecido como Igarapé do Pirara, pode servir de elemento para o Turismo Cultural de Roraima?

Buscando responder a problemática, a pesquisa buscou por meio da revisão bibliográfica, percorrer os aspectos geográficos e histórico do trajeto Taurî-yamarî (O caminho dos escravos) no Baixo Rio Maú, canal conhecido como Igarapé do Pirara para estabelecer uma rota histórica ao El Dorado. Como objetivos específicos, a pesquisa busca: Discorrer sobre o desbravamento do El Dorado; descrever o processo de ocupação do rio Branco a partir da rota do El Dorado; apresentar uma rota técnica e descritiva que leva até a entrada do canal Igarapé do Pirara; criar uma rota histórica e geográfica até a entrada no canal do Pirara para fomentar o turismo cultural de Roraima.

Sendo assim, o trabalho se propõe trazer à luz do conhecimento, elementos que ficaram escondidos nas entrelinhas do tempo. Por isto, a metodologia aqui abordada, tem a finalidade básica\estratégica com os objetivos descritivos\exploratórios em uma abordagem qualitativa do método hipotético\dedutivo nos procedimentos bibliográficos, visando construir um pequeno acervo com informações sistematizadas sobre esse que pode se tornar um local iconográfico para o Turismo Cultural do Estado de Roraima.

CONTEXTO HISTÓRICO DO EL DORADO

Neste recorte busca-se apresentar o desbravamento do lendário El Dourado, com bases na história escrita, aquela que pode ser a real motivação que atraiu os viajantes rumo a descobrirem a entrada no canal do Igarapé Pirara. Esta viagem chega até aqueles que em um passado longínquo pensaram em dominar esse território Amazônico, que se configurava na época, um local sombrio e infernal aos olhos da chamada “civilização ocidental”.

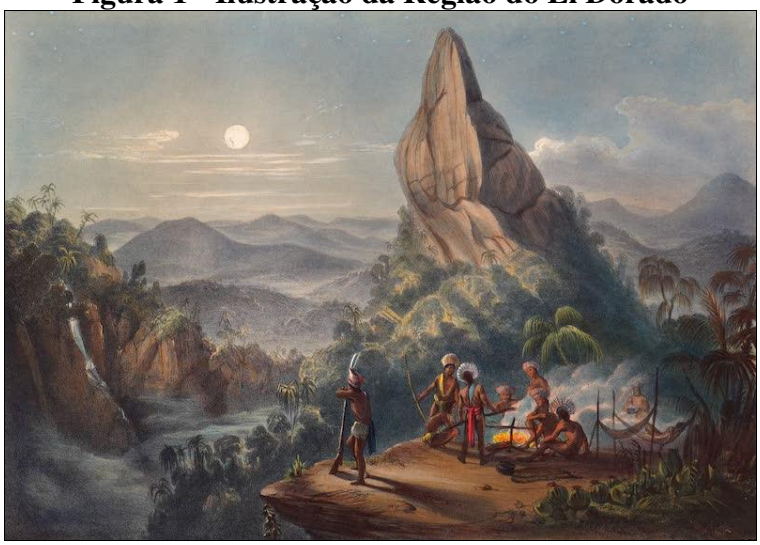
A civilização ocorreu no começo do século XVI, época de ouro da pirataria, período em que o espetacular e o sobrenatural ocupavam as melhores mentes. Nesse tempo sonhava-se com coisas incríveis. Uma alucinação geral tomava conta do gênio humano, a magia dominava tudo, os homens lidavam com admiráveis descobertas (MIRANDA, 2002).

Nesse tempo os europeus repetiam uma história vinda da corte espanhola, que além-mar no novo mundo descoberto por Colombo, existia um reino maravilhoso, banhado pelo sol onde as suas torres e ruas eram pavimentadas de ouro, seus prédios tinham as paredes do mesmo metal, seu monarca estaria

[3] Este termo foi originário dos indígenas que residiam na região do Pirara, no qual foi rota de tráfico de escravos indígenas da bacia do Rio branco a bacia do Essequibo, por isso o nome de CAMINHO DOS ESCRAVOS (SCHOMBURGK *apud* FARAGE, 1992).

ardendo de desejo para abraçar o evangelho. Pela manhã o grande rei banhava-se em um grande lago com o corpo todo coberto de ouro em pó, devido a abundância do metal, surgia então a lenda de Manoa do El Dorado (Figura 1), que foi recolhida em quito por Sebastião de Benalcazar na época de sua conquista.

Figura 1 - Ilustração da Região do El Dorado



Fonte: <https://historyarchive.org>. Acesso em: 02/11/2021.

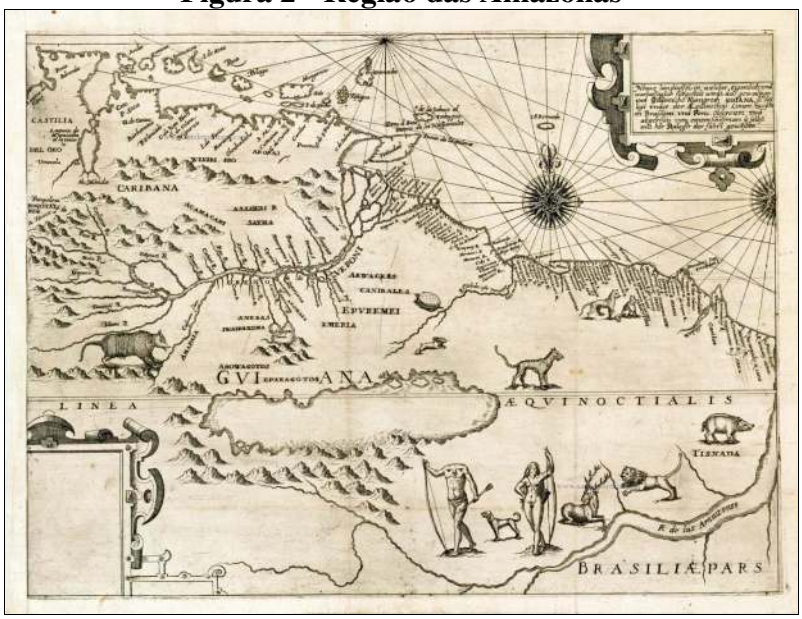
A partir de então essa espécie de sonambulismo guiou os passos europeus. Camponeses em suas palhoças, tabernas, e/ou em volta de uma fogueira, ainda lembravam as loucas campanhas das cruzadas e se punham a sonhar com a terra prometida recheadas de tesouros. Muitos aventureiros que fingiam não acreditar nos perigos dessa empreitada se lançaram em busca desse reino.

Conforme Miranda (2002), um dos primeiros a se lançar nessa aventura foi o Espanhol Francisco de Orellana que penetrou a região Amazônica pelo Pacifico em 1541, desceu o grande rio mar, mas não deu sorte, quase perdeu a vida na mão das mulheres sem maridos chamadas por Carvajal de novas Amazonas, nesse combate que aconteceu na foz do rio Nhamundá os homens de Orellana voltaram para sua embarcação atordoados com a coragem dessas mulheres guerreiras que lutavam misturadas entre os indígenas combatendo os Espanhóis (Figura 2).

De acordo com Smith (1990) no relato de Carvajal, menciona que as mulheres que viu durante a batalha eram brancas e altas, usavam o cabelo longo com tranças e pareciam bem robustas, nuas só tinham sua intimidade coberta. Empunhando arco e flechas, uma delas enterrou uma flecha no barco deles na profundidade de um palmo, causando um certo temor entre seus homens, as mulheres valiam por dez indivíduos, quando eles recuaram, seu barco parecia mais com um porco espinho.

Dias depois desse encontro, Orellana e Carvajal tiveram a oportunidade de saber mais sobre essas mulheres, um índio capturado por eles contou–lhes através de intérprete que essas mulheres não tinham marido, que não era permitido homens na sua tribo, elas estavam ali convidadas para a batalha pré-anunciada, pois os indígenas da região já tinham notícias sobre a passagem deles e reuniram várias tribos para combatê-los.

Figura 2 - Região das Amazonas



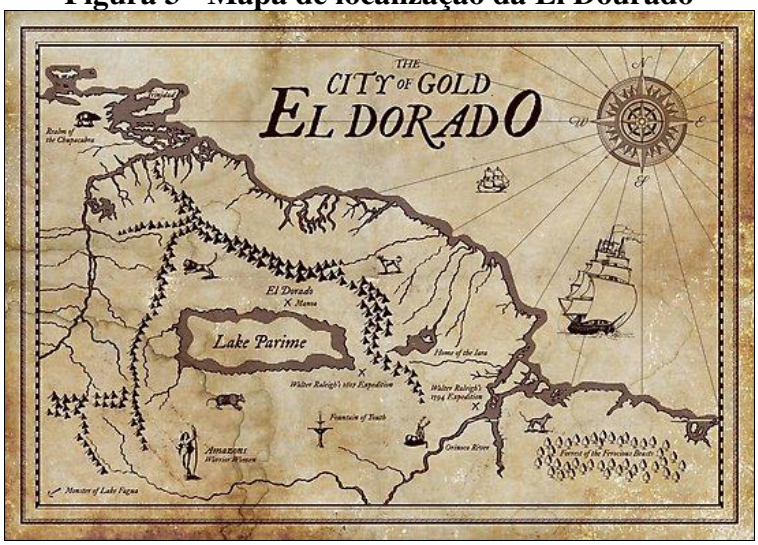
Fonte: <https://sanderusmaps.com>. Acesso em: 02/11/2021.

A chefe delas chamava-se Conori, que em seu território nenhum visitante era permitido passar a noite ou dormir. Quem o atravessa-se durante o dia tinha que pagar tributos. Quando elas resolviam aumentar sua população assaltavam uma tribo vizinha capturando homens que depois de realizar seus caprichos, voltavam a suas tribos são e salvos. Conori e suas comandantes comiam em recipientes de ouro ao passo que suas vassalas em tigelas de madeira e em seus centros de adorações havia muitos ídolos de ouro.

Segundo San Martin (2002), depois dessa que pode ser considerada a primeira de algumas outras tentativas infrutíferas por parte dos Espanhóis na busca da cidade perdida entrar em cena o Corsário Inglês Walter Raleigh no final do século em 1595. Penetra o inferno verde através do Delta do rio Orenoco e carrega de combustível a chama que clareia a imaginação europeia a respeito do El Dorado.

Nessa viagem ele consegue subsídios cartográficos sobre a região de Manoa, depois de capturar o espanhol Antônio de Berrio e tomar-lhe várias informações geográficas sobre as Guyanas junto com um tosco mapa sobre a região, que supostamente escondia o mítico El Dorado no interior do continente (Figura 3).

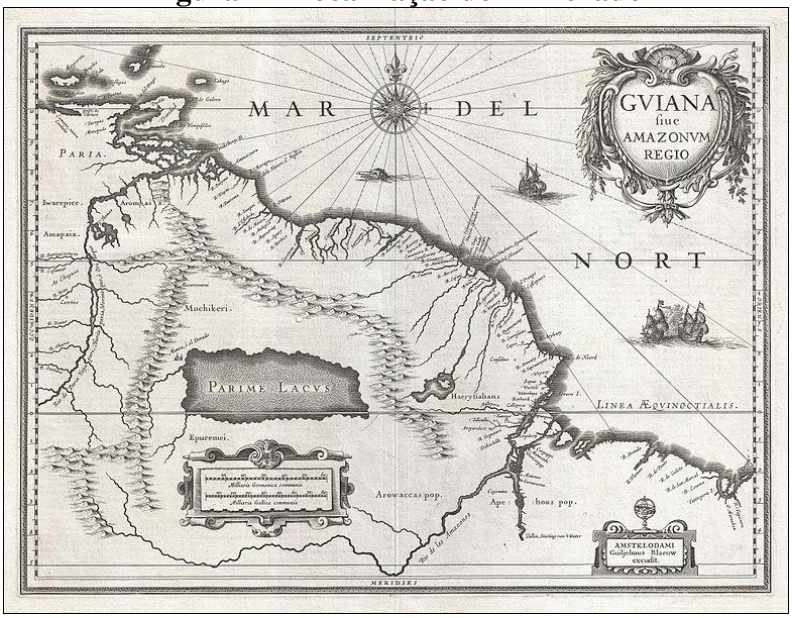
Figura 3 - Mapa de localização da El Dourado



Fonte: <https://www.hohumproductions.com>. Acesso em: 02/11/2021.

Conforme Camilo (2011), anos depois dessa viagem o corsário correu sérios riscos e não conseguiu chegar até Manoa. Ele ofereceu aos seus financistas um manuscrito de sua viajem ao caribe, uma espécie de manual geopolítico da região das Guyanas, contribuindo assim para a produção de um dos primeiros mapas da América do sul com a suposta localização do El Dorado (Figura 4). Mesmo antes de perder a cabeça para o carrasco de sua majestade Jaime II, Raleigh deixa seu nome gravado na história como o responsável pela popularização do mito do El Dorado por todo o mundo. Esse famoso manuscrito intitulado The Discovery of Guyana pode ser considerado um dos primeiros best-seller da renascença europeia, cuja publicação é reeditada até hoje.

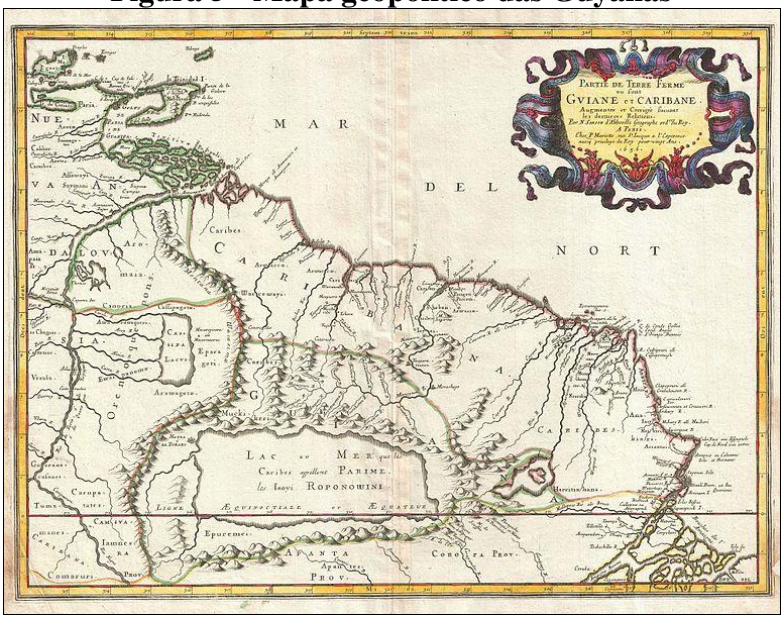
Figura 4 - Localização do El Dorado



Fonte: <https://upload.wikimedia.org>. Acesso em: 02/11/2021.

Figura heróica e emblemática do reinado da rainha, virgem Elizabeth I Raleigh, deixou como legado aos seus financiadores uns valiosos manuais de conteúdo antropológico e geopolítico sobre as Guyanas, que propõe estratégias geopolíticas para o controle territorial do novo mundo (ver na Figura 5).

Figura 5 - Mapa geopolítico das Guyanas



Fonte: <https://upload.wikimedia.org>. Acesso em: 02/11/2021.

Das sugestões para a conquista desta parte do novo mundo ele instrui que ela não deveria ser feita pela força, nem pelo trabalho escravo dos nativos, enfatizando que uma campanha militar traga o controle do território sem confronto com os indígenas, segundo suas palavras, "[...]nos permitirá extrair as riquezas da região sem maior desgaste. [...] Os comandantes, comerciantes e traficantes que se fizerem sócios dos selvagens no uso da terra terão lucros assegurados por cinco ou sete gerações" (SAN MARTIN, 2002, p. 12, 40, 196).

Segundo Hulsman (2005), nas aventuranças dos europeus em busca do El Dorado, é a vez de entrar em cena os Holandeses que no início do século XVII se instalaram na costa selvagem das guianas, atualmente está o Suriname. Se passam um século e a história da rica Manoa caiu no esquecimento, devido o desenvolvimento das colônias ao longo da costa.

Os primeiros relatos de governadores Holandeses que manifestaram interesses na exploração da rota do Suriname datam de 1669 com Lichtenbergh que escreveu planejar enviar uma expedição ao interior através do rio Corentine e com isso fazer contato com indígenas da região e de quebra descobrir o Lago Parima.

Conforme documentos holandeses, no ano de 1686 o governador Cornelis Van Aersen enviou uma expedição ao interior da Guiana sem lograr sucesso. A expedição chegou à região do alto Rupununi sem encontrar a passagem secreta que levava a bacia do Rio Branco. Contudo, as colônias existentes ao longo da costa sofriam com ataques dos piratas do Caribe, que minavam a sua economia e faziam com que crescesse o interesse pelas rotas do interior.

O comércio ou escambo do rio Corentine que está documentado desde épocas pré-históricas começou a mudar, sendo substituídos por materiais líticos vindos do interior para a costa, por materiais manufaturados do homem branco para o interior. Eram em sua maioria, machados, facas e outras ferramentas de metal que junto com granitos de vidros coloridos, passaram a fazer parte da cultura material de muitas tribos no interior da Guiana.

Em troca os indígenas entregavam redes e escravos dois produtos muito apreciados pelos comerciantes que adentravam ao interior, esses últimos os escravos, eram indígenas vindos da bacia amazônica direto para as colônias holandesas, conforme (FARAGE, 2002).

CONTEXTUALIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO RIO BRANCO

O presente recorte faz uma breve contextualização das ações introdutórias para dominar a região do Rio Branco. Nesse sentido, no processo de ocupação da Região do Rio Branco, foi possível observar que a geografia de domínio das populações tradicionais passou a ser também dominada pelos "comerciantes", que eram sujeitos que traficavam pessoas para servirem de mão de obra em todo percurso de exploração.

Segundo Farage (1991) na área do Rio Branco, os traficantes, valendo-se da passagem oferecida pelo rio Rupununi ao Pirara, ligação das bacias do Essequibo e Branco, costumeiramente no período das cheias, quando se podia navegar pelos campos alagados. Percebemos que esta região de difícil acesso provocou nos colonizadores desafios para que pudessem não só percorrer região atrás das "drogas dos sertões", mas também traficar seres humanos como mercadoria.

A literatura de Farage segue com a investigação documental através de cartas oficiais de Francisco José da Magdalena ao Governador Mendonça Gurjão. Estas mesmas literaturas apontam que no percurso de volta o caminho se bifurcava: levava tanto ao Essequibo como ao Suriname, tomando essa última rota os rios Berbice e Corentyne. O caminho para o Suriname, segundo R. Schomburgk (1839), era conhecido ainda no século XIX pelos Macuxi como TuariYemori, o que significa "caminho dos escravos" (FARAGE, 1991, p. 92).

Os espanhóis, por sua vez, responsabilizavam o tráfico de escravos pela "fúria se trégua" dos Carfibes contra o estabelecimento de missões na área do Orinoco (Conselho das Índias ao Rei 1733, *in* BG & Ven. Case, 1896, I: 64-65; Relatório de D. Carlos Sucre, Governador de Guayana, 13.8.1737, *in* BG & Ven. Case, 1896 I: 68; D. José Iturriaga a D. Eugenio Alvarado, 20.4.1755, *in* BG & Ven. Case, 1896, I: 84 e segs.).

Por força de suas relações com os Holandeses, observava o missionário Benito de la Garriga, os indígenas recusavam aldear-se e retiravam-se para a floresta. Por este mesmo motivo, quatro aldeias missionárias haviam se rebelado no ano de 1750: os holandeses teriam dito aos indígenas que os espanhóis tentavam escravizá-los, e que, uma vez aldeados, não lhes seria permitido guerrear ou ter quaisquer relações com os "Flamencos".

De modo mais importante, afirmava ainda o missionário que não apenas os "Caribes da floresta" estariam engajados no tráfico de escravos para os holandeses, mas também os indígenas já aldeados, sem que os missionários pudessem controlá-los, pois a pressão nesse sentido provoca fugas maciças (Fr. Benito de la Garriga a D. Felix Ferrera, 9.9.1758, *in* BG & Ven. Case, 1896, I: 93 e segs.).

As fontes holandesas não o desmentem: em 1746, quando os espanhóis estabeleciam uma missão no rio Cuyuni, o Diretor – Geral do Essequibo comentava que os Caribes, irritados, pretendiam atacá-la, pois que embargava sua passagem para o tráfico de escravos, de onde "esta nação retira seu sustento" (Diretor-Geral do Essequiboá Companhia das Índias Ocidentais, 7.12.1746, *in* RBG, I: 224 e segs.) (FARAGE, 1991, p. 93).

Aliás, como adverte D. Sweet (1974, p. 275), o acesso às informações de Hostman em muito facultou a penetração das tropas de resgate que em seguida operaram na região. Um pouco mais tarde o relato de Hostman seria divulgado na Europa pelo viajante Francês Chales Marie de La Condamine (1745; 1944, p. 95-96). O esboço que Hostman traçou de sua Jornada deu base não só ao mapa de La Condamine, mas também ao mapa da América do Sul feito por M. D´Anville em 1748, que se tornou um instrumento básico (FARAGE, 1991, p. 78) (Figura 6).

Conforme Hulsman (2005), essa empreitada dos europeus pela busca do El Dorado, fez com que a atenção dos holandeses se voltasse para uma rota milenar dos indígenas, que só começou a ser mapeada no início do século XVII.

Segundo Souza (2007), analisando e traduzindo as cartas oficiais de Gravesande e de outros comandantes, mostram que relatam a passagem de Nicolas Horstman pelo Essequibo ao Rio Branco depois Rio Negro, Amazonas e Pará.

Nesta época Gravesande comentava ser Nicolas Horstman, um homem inteligente e zeloso, sendo o primeiro integrante Holandês a participar de uma expedição secreta que seria "atravessar a

entrada do canal do Igarapé Pirara e descobrir o lago Parima". O mesmo teria como próxima missão de retorno uma plantação de café.

Figura 6 - Mapa de La Condamine



Fonte: <https://purl.pt/103/1/catalogo-digital/registo/221/221dsxviii188fl1.jpg>. Acesso em: 02/11/2021.

Na carta 56 chega as notícias sobre Horstman, datada de 03 agosto de 1739 trazida pelo barco "Neptunus". Segundo a carta Horstman, haviam se atrasado por conta de uma grande seca na região (período sem chuvas), que só pode continuar e sair do Essequibo em 23 de maio de 1740, período que começa as chuvas na região (SOUZA, 2007[4]).

A carta 57 Gravesande informa à companhia das Índias que Jaques Donac trouxe notícias de Horstman, de modo que, teria enviado um índio para relatar que a viagem foi um sucesso, pois havia chegado ao Lago Parima e trocado os produtos. Seu companheiro Rijs estaria voltando para o posto do Essequibo de onde partiram, enquanto que Horstman permaneceria no local (margem do Lago Amacu, do canal do Igarapé Pirara) onde já tinha plantado a bandeira da Holanda e limpado o chão para fazer uma roça de maniva, tudo confirmado na próxima carta (SOUZA, 2007[5]).

Da carta 59 em diante fica configurada a deserção do holandês que parou de enviar notícias. Capturado pelos portugueses só teremos notícia do Dr. Nicolas Horstman em 1745 quando é divulgada na França uma carta de Horstman para Condamine:

> No dia 23 de novembro entramos no rio Sibarona, numa viagem de 14 dias em canoa pequena para procurar pedras preciosas misturadas com cristais que os habitantes chamam de calleco, porém não achamos as pedras preciosas, mas ficamos um mês lá. No dia 18 de dezembro voltamos para o rio e chegamos à maloca Parahans, onde ficamos até 09 de abril de 1740, por

[4] Descrição da Região do Pirara na Carta de Nicolas Horstman (SOUZA, 2007).
[5] Descrição da Região do Pirara na Carta de Nicolas Horstman (SOUZA, 2007).

> causa da seca do rio. No dia 10 de maio entramos no Pirara e no dia 20 de maio adentramos no Maú onde ficamos quatorze dias procurando uma mina, a qual não foi encontrada. Voltamos dia 12 de junho, encontramos um índio fugido do rio Negro. No dia 20 de junho do mesmo ano, 44 indígenas fugiram da viagem, ficando somente 04 crioulos e 04 indígenas e finalizando a trajetória quadrangular no dia 14 de julho quando chegamos ao rio negro na maloca Aracati, fui roubado por um frade carmelita (SOUZA, 2007, p. 28[6]).

Como enfatiza Marcos Antônio Messias em seu trabalho. Todas as informações deixadas por Nicolas Horstman foram fundamentais para o trabalho de La Condamine que em 1945 divulga a carta que recebera comentando: "tenho nas mãos o diário e o mapa de um viajante que subiu o Rio Essequibo no ano de 1740. Chegou ao rio negro e passou pelo rio que os portugueses chamam de rio branco e os Holandeses chamam de Parima".

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa parte de uma revisão bibliográfica caracterizada como descritiva de caráter exploratório e explicativo. Fez-se uso da pesquisa participante e pesquisa de campo. A abordagem metodológica qualitativa se mostrou a mais coerente para este estudo através da análise de conteúdo.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica é importante para todo trabalho acadêmico, pois são os aportes teóricos que vão embasar e dar credibilidade à pesquisa, tornando-a um trabalho científico. Sendo assim, a pesquisa bibliográfica constitui publicações em forma de artigos, livros, revistas, teses, dissertações entre outros (GIL, 2008).

Como procedimentos para coleta de dados, foi realizada uma busca nos bancos de dados da biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) em acervo de teses e documentos que relatam o processo de ocupação e exploração do Rio Branco seguido de uma visita *in loco* ao trajeto Taurî-yamarî (O caminho dos escravos) no Baixo Rio Maú, canal conhecido como Igarapé do Pirara. A visita permitiu poder registrar e catalogar os elementos geográficos, históricos e etnográficos que possam servir de elemento para o turismo cultural de Roraima.

Dos objetivos, a pesquisa faz uso da pesquisa exploratória e explicativa. O estudo parte da pesquisa exploratória para proporcionar maior familiaridade com o problema por meio do levantamento bibliográfico. A pesquisa explicativa vem atender a complexidade do estudo quanto à realidade pesquisada. Quanto a pesquisa descritiva, esse método tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre

[6] Descrição da Região do Pirara na Carta de Nicolas Horstman (SOUZA, 2007).

variáveis que geralmente assumem a forma de levantamentos de dados sendo possível generalizar resultados (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Quanto à abordagem, a pesquisa faz uso do método qualitativo que pretende verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo várias interpretações de uma análise do método hipotético\dedutivo por parte do pesquisador. Dessa forma, na abordagem qualitativa, a pesquisa ressalta a ênfase interpretativa, onde o pesquisador interpretativista acredita que é capaz de interpretar e articular as experiências em relação ao mundo para si próprio e para os outros. Portanto, a pesquisa interpretativa baseia-se em dados qualitativos, uma vez que se utilizando destes, é possível explorar as características e o contexto do indivíduo envolvido (GIL, 2008).

Sendo assim, por se tratar de uma pesquisa de abordagem qualitativa, os procedimentos para a coleta de dados se dão através da análise de conteúdo que designa a técnica de investigar e interpretar de forma sistematizada os dados coletados, possibilitando diferentes modos de conduzir o processo de interpretação por parte do pesquisador (BARDIN, 2011).

De acordo com os critérios para inclusão foram aceitos somente as publicações que contemplam a temática do Turismo Cultural a partir da leitura do trajeto Taurî-yamarî (O caminho dos escravos) no Baixo Rio Maú. Conforme os critérios de exclusão, a pesquisa vetou as publicações que não contemplam a temática do Turismo Cultural a partir da leitura do trajeto Taurî-yamarî (O caminho dos escravos) no Baixo Rio Maú.

A pesquisa de campo se deu por meio da visita técnica até a entrada do canal do Igarapé Pirara. Vale ressaltar que a pesquisa de campo teve a colaboração da Universidade Federal de Roraima (UFRR), ocorrida na última semana do mês de maio de 2017. Para iniciar a visita, primeiramente houve um encontro na sala do ex-coordenador (*in memorian*) do Curso de Geografia da UFRR e ex-diretor (*in memoria*) do Instituto de Geociências (IGEO), o Prof. Dr. Antônio Tolrino de Rezende Veras. Dessa forma, a pesquisa questionou ao professor se o mesmo teria conhecimento sobre uma passagem fluvial que levava da bacia do Rio Branco à bacia do Essequibo. O mesmo respondeu que não, e solicitou a presença do Prof. Dr. Vladimir de Souza coordenador do Curso de Geologia da UFRR que havia feito um grande levantamento na parte superior da bacia do Rio Branco, o professor Vladimir de Souza disse que desconhecia também, mas que ouvira falar do assunto quando de sua participação em um documentário de 2016, cujo título “Rios do Roraima”, menciona tal passagem.

Dessa forma, ambos solicitaram o embasamento teórico da pesquisa e após lerem as citações de autores sobre o referido assunto, aprovaram. Seguindo os procedimentos, foi sugerido a necessidade de uma viagem técnica com o apoio logístico da UFRR, o qual foi prontamente atendido com um veículo

Ford Range 4x4 com o motorista Samuel Marques e um Drone com o fotógrafo da UFRR o Geógrafo Roberto Carlos Caleffi, para registrar a viagem.

Pelas características geográficas, também foi solicitado um barco, entretanto, os barcos da UFRR estavam todos ocupados. Conseguimos então, com um caiaque de plástico (duro) de três lugares disponibilizado pelo Júnior Bliglia, funcionário da Secretaria de Segurança Pública. Com os recursos alocados, seguimos nossa viagem até a entrada do canal do Igarapé Pirara, que começou a tomar forma sendo possível coletar os dados que resultaram nos resultados dessa pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente tópico em conformidade com a problemática e os objetivo os da pesquisa, apresenta os resultados do estudo a partir de uma visita técnica ao trajeto Taurî-yamarî (O caminho dos escravos) no Baixo Rio Maú, canal conhecido como Igarapé do Pirara.

Viagem técnica até a entrada do Canal do Igarapé Pirara

O relato da viagem até a entrada do canal do Igarapé Pirara ao Baixo rio Maú ocorreu na sexta-feira 02 de junho 2017 às 07:00 horas da manhã, da garagem da UFRR. O local foi ponto de encontro para o carregamento e embarque dos materiais e utensílios para a visita técnica. Dessa forma, embarcou-se na carroceria do veículo ranger, o caiaque, os coletes salva vidas, bem como os equipamentos necessários para a visita.

Em seguido deu-se partida rumo ao Baixo rio Maú que banha a sede do município de Normandia a 180 km de Boa vista, localizado no nordeste do estado de Roraima. O Maú é a fronteira molhada do Brasil com República Cooperativista das Guyanas.

Nesse sentido, atravessou-se a ponte dos Macuxi de 1.200 metros sobre o Rio Branco, principal artéria hídrica do estado. Ao atravessarmos a ponte já estamos no município de Cantá, onde seguimos viagem através da rodovia federal BR-401, que se encontra e boas condições de pavimentação. Na cabeceira da ponte começa o km 3, estamos na velocidade de 80 km por hora.

Atravessamos dois municípios, Cantá e Bonfim antes de chegarmos ao nosso destino que é Normandia. A paisagem vai se descortinando nas margens da BR-401, são belas veredas de Buritizais com igarapés de águas limpas, ladeados por matas de Caimbés, muricis e paricaranas (plantas dominantes das savanas de Roraima) (Figura 7).

Figura 7 - Paisagem nas margens da BR-401



Fonte: Roberto Carlos Caleffi (2017).

No km 07 do município de Cantá fica a cidade de Santa Cecília, padroeira dos artistas, equivalente a um bairro de Boa Vista com aproximadamente duzentas casas (200). Logo à frente no km 9, possui um posto de combustível que está às margens da rodovia e é um marco de entrada da BR-442 que leva ao sul do estado ao encontro com a BR-174, principal via que atravessa todo o estado de Roraima. Neste ponto, é possível ter uma panorâmica da savana do Leste com destaque para a três serras: Serra dos Porcos, Malacacheta e Serra do Cantá (maior).

No km 12 atravessamos a pequena ponte sobre o Igarapé Azul, balneário conhecido dos roraimenses. Mais à frente está o km 16 com o Igarapé do Surrão, rodeado por uma mata ciliar relativamente alta, compostas por Buritizais, ipês e cocais de espinhos. Esse igarapé serve com estuário do Rio Branco e é comum nos fins de semana encontrar pessoas as suas margens pescando de linha de mão.

Logo após o km 34, passamos para o território do município de Bonfim, a característica da vegetação não muda muito, são áreas de pequenos sítios de ambos os lados da rodovia. No km 50 começa a mudar o cenário, são grandes plantações de soja, milho e sorgo. Ainda na rodovia, em seus entornos existem vários silos de secagem que podem ser vistos da estrada. No km 70 já podemos à direita da estrada uma enorme serra que parece um "grande cuscuz" na nossa frente.

Do nosso lado esquerdo no km 75 é a terra indígena Jabuti. No km 78 fica o restaurante Rey Sol, antigo ponto de parada para quem atravessa a estrada. A partir dali podemos observar uma cordilheira de montanhas ao longe. À direita, são as Kanuku Montains pertencentes à Guyana, à esquerda podemos

ver outras montanhas menores e mais próximas, com vegetação gramínea. No km 86 está a Vila do Tucano, um outro ponto de parada com restaurante e banheiros para os viajantes.

O terreno visto à frente já se mostra com outro tipo de vegetação. Próximo à vila do Tucano está a Serra do Tucano. Do topo da serra é possível enxergar 360 graus sem obstáculos. Saindo do Tucano, do km 103, estamos na rotatória onde há duas opções de vias, uma segue pavimentada em direção à sede do município de Bonfim-RR e na outra via à esquerda, é a continuação da BR 401, sem pavimento, rumo ao município de Normandia-RR.

A vegetação da BR 401 possui a mesma característica do começo da viagem, somente mais rala, ou seja, uma savana mais aberta com a predominância do Caimbé e do Murici. Rodamos mais 32 km e chegamos à ponte de concreto sobre o Rio Tacutu, tributário e formador do Rio Branco. A terras do outro lado da ponte no sentido de Normandia-RR, já faz parte da reserva indígena Raposa Serra do Sol.

Fizemos uma parada e fizemos algumas fotografias da ponte e do rio, após isso seguimos com a viagem (Figura 8). Perto da parada, está o encontro de dois rios: Maú e Itacutú. Como estamos no mês de junho, conseguimos perceber na beira da estrada que há muito entulhos orgânicos como galhos secos, folhas, restos de frutas, pétalas de flores. Tudo carregado pelas águas do rio, que esse ano elevou muito o nível da água a ponto de suas águas saírem da calha e atingir a estrada (Figura 8).

Figura 8 - Ponte sobre o Rio Itacutú BR-401 que leva ao município de Normandia



Fonte: Roberto Carlos Caleffi (2017).

Rodamos devagar, nossa média de velocidade era de 60 km por hora, pois tínhamos o objetivo de observar as predominâncias das margens, com as observações, percebemos muitas casas pequenas, feitas com paredes de barro e teto de palha de buritis. Da ponte de concreto, rodamos 47 km e chegamos

à sede do município de Normandia-RR, paramos bem em frente à casa que será nossa dormida. A casa pertence ao comerciante Silva Marques, primo do nosso motorista Samuel, que foi verificar como estavam as instalações. Enquanto isso o fotógrafo Carlos Caleffi subiu o drone e fez algumas fotos do município.

Demoramos em torno meia hora e seguimos voltando 27,7 km em direção ao porto da fazenda Casa Branca, umas das fazendas que ficou de fora da área indígena Raposa Serra do Sol e fica na margem direita do Rio Maú. Estamos devidamente autorizados pelo proprietário José Plinio Corrêa neves, que utiliza a fazenda para plantação de arroz irrigado e criação de gado para corte.

Quando chegamos à porteira, o cadeado já estava aberto, pois o gerente Paulinho já nos esperava. Chegamos à sede exatamente às 11:30 horas da manhã e fomos convidados para almoçar, contudo, tivemos que dispensar, pois tínhamos que colocar o barco no rio o mais rápido possível. Deixei o gerente da fazenda a par do nosso itinerário e partimos para a beira do Rio Maú, que quase pode ser vista da sede da fazenda.

Chegamos ao local das bombas de captação de águas (Figura 9) para as plantações de arroz irrigado, com as coordenadas 3.43`13``N – 59.40´02``W. O terreno está bastante acidentado e a água já baixou muito. Posicionamos a pick-up para retirarmos o caiaque de cima da Ranger e partirmos em direção ao Rio Maú.

Figura 9 - Bombas de captação de água, local de embarque



Fonte: Roberto Carlos Caleffi (2017).

Logo percebemos que o rio está correndo bastante, colocamos o caiaque na água (Figura 10), liberamos a pick-up para que Samuel pudesse retornar à Normandia, para depois buscar-nos às 18:00 horas da tarde, horário este definido pela equipe.

Figura 10 - Desembarque do caiaque



Fonte: Roberto Carlos Caleffi (2017).

Saímos do bombeamento e pouco menos de 30 minutos já nos encontramos no antigo porto da fazenda que também é garagem das máquinas de uso das atividades da fazenda. A mata ciliar dos dois lados do Rio Maú está bem preservada. Passamos agora em frente uma velha casinha de madeira na barranca do rio usada atualmente como deposito, que é bastante antiga dali, onde quase podemos ver a entrada do canal do Igarapé Pirara (Figura 11).

Figura 11 - Entrada do canal do Igarapé Pirara



Fonte: Roberto Carlos Caleffi (2017).

Aproximadamente quinhentos metros (500m) que passamos da velha casa, nos encontramos face à entrada do famoso "TuaryYamarî", chamado como o canal dos escravos, ou como é mais conhecido, canal do Igarapé Pirara (Figura 12).

Figura 12 - Dentro da entrada do canal do Igarapé Pirara



Fonte: Roberto Carlos Caleffi (2017).

Na margem esquerda do baixo Rio Maú, a vegetação que antecede a entrada do canal do Igarapé Pirara tanto de um lado como outro é puramente tomada de pequenas árvores. Elas são carregadas de uma fruta popularmente chamada de goiabinha, que serve como alimento dos peixes e de outros animais que vem em sua busca na época das cheias (Figura 13).

Figura 13 - Vegetação do canal do Igarapé Pirara (goiabinhas)



Fonte: Autor da pesquisa (2017).

Logo à frente foi possível registrar pescadores em uma canoa de madeira, que saem de dentro da entrada do canal do Igarapé Pirara (Figura 14). Cumprimentamos os integrantes do barco e continuamos rumo à entrada, onde fomos recepcionados por um enorme boto que saltou no centro do canal do Igarapé Pirara. Ele emergiu fora da água, colocando metade do seu corpo no ar. Tivemos a percepção que ele estava se exibindo para nós, quando adentramos no canal do Igarapé Pirara, que a entrada parece mais um lago em forma de caracol com suas águas cor de café com leite. Notamos que havia outros

botos que estavam no remanso, nas laterais, ou seja, aquela que parecia uma exibição, tratava-se de uma tática de pesca. Ficamos assistindo uma pescaria coletiva de botos.

Figura 14 - Presença de pescadores no canal do Igarapé Pirara



Fonte: Roberto Carlos Caleffi (2017).

Seguimos até a entrada do canal do Igarapé Pirara que é totalmente navegável, onde a profundidade estimada da água é de 4 metros e um pouco escura, com uma aparência que lembra as águas do Rio Branco. Para quem chega à impressão é que estamos em um pequeno lago, mas aos poucos vamos descobrindo a sua forma de caracol. Notamos também que a água corre de dentro do território Guyanense em direção ao Rio Maú.

Seguimos contra a correnteza e penetramos cerca de 500 metros adentro, até o início dos barrancos do canal do Igarapé Pirara, depois de escalarmos a margem direita do canal para que possamos fotografar sua vegetação e o curso que ele segue rumo ao leste. Nela é possível perceber a diferença de cores da vegetação, já que a água baixou rápido e deixou a cor barrenta na vegetação de goiabinhas e matas de jauaris (Figura 15).

Observamos palmeiras, que confirma nossa teoria de que estamos no famoso canal do Igarapé Pirara, se comparamos uma fotografia com uma pintura feita pelo aquarelista da expedição de 1846 do agrimensor Robert Hermam Schomburgk. Nela o pintor retrata uma família de indígenas wapixana na beira do barranco do canal do Igarapé Pirara.

Figura 15 - Vegetação de goiabinhas e jauaris retrata na pintura de Robert Hermam Schomburgk



Fonte: Roberto Carlos Caleffi (2017).

No alto do barranco à beira do igarapé, o fotografo Caleffi subiu o drone e começou a fotografar a paisagem e a entrada do canal do Igarapé Pirara serpenteando rumo ao leste, conforme se observa na figura 16.

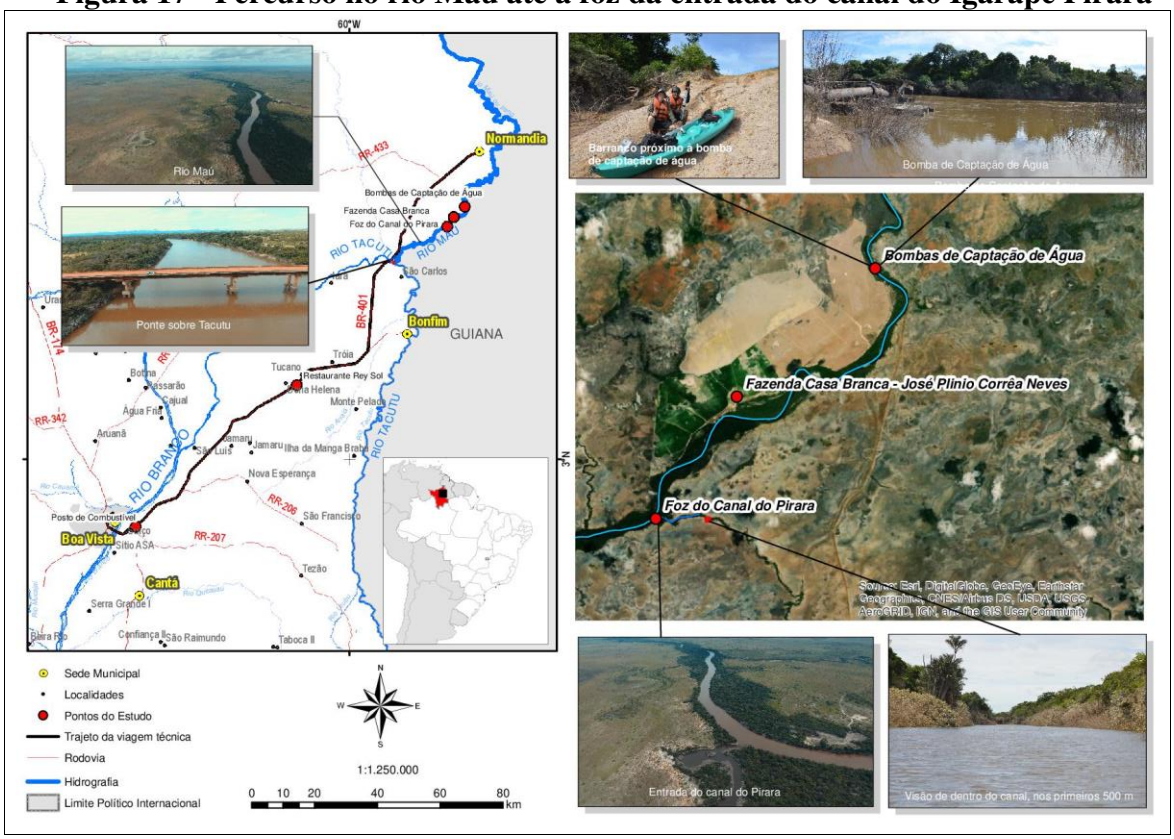
Figura 16 - Paisagem da área da entrada do canal do Igarapé Pirara



Fonte: Roberto Carlos Caleffi (2017).

Conforme a Figura 16, percebemos uma vegetação da grande savana, que se estende à linha do horizonte no percurso da entrada do canal do Igarapé Pirara. Dessa forma, a partir da visita realizada, foi possível estabelecer um percurso que pode vir a ser utilizada pelo Turismo Cultural, Turismo de Aventura e Etnoturismo ou Turismo Indígena na região (Figura 17).

Figura 17 - Percurso no rio Maú até a foz da entrada do canal do Igarapé Pirara



Fonte: Mapa produzido por Adriana de Souza Wanderley (2021).

Turismo Cultural

Para início de reflexão sobre o Turismo Cultural, é necessário estabelecer o conceito de turismo, compreendendo que sua definição tem características multifacetadas que demonstra que cada área do conhecimento tem relações com o turismo, definido de acordo com seus interesses específicos (TRIBE, 1997).

Sendo assim, o turismo pode ser definido de acordo com os aspectos sociais, econômicos, antropológicos, geográficos e culturais. Deste modo a definição de turismo mais utilizada é pela Organização Mundial do Turismo (OMT), que busca atender às necessidades de várias áreas de estudo, buscando universalizar um significado para facilitar o controle estatístico e outras operações no âmbito do turismo em todo o mundo (BRASIL, 2008).

Diante dessa faceta o turismo apresenta diversas vertentes, em especial o desenvolvimento da atividade turística cultural, contextualizando seus conceitos com as atividades voltadas para a cultural, identidade, tradições, ritos, artesanato e a valorização do patrimônio cultural no intuito de estabelecer uma conexão de resgate cultural a partir do turismo.

Barreto (2000) apresenta uma definição de Turismo Cultural que estabelece uma relação de sustentabilidade e resgate de valores pela comunidade, tendo em vista que essa modalidade de turismo envolve lazer, cultura e a comunidade preservando assim, o legado cultural:

> [...] O turismo com base no legado cultural permite que se mantenha, em um lugar específico, um determinado período do tempo, que deu origem a essa comunidade. Permite que a comunidade, de alguma forma, engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da história, de verificação das fontes. Permite, até mesmo, que muitos membros da comunidade adquiram, pela primeira vez, consciência de que sua cidade representou em determinado cenário e em determinada época (BARRETO, 2000, p. 49).

Reforçando essa relação do Turismo Cultural com a comunidade, Carvajal (1992) ressalta que essa modalidade permite uma maior proximidade com a cultural local, devido seu aspecto antropológico de perspectiva humanista e social que proporciona os respeitos das identidades culturais, e a compreensão dos impactos socioculturais do turismo enquanto processo social.

Na concepção de Appadurai (1990) não pode existir turismo sem cultura, pois o turismo é uma expressão cultural, caracterizada pelo fluxo de bens, informação, serviços e turistas, através de um contexto de globalizado. Nesse sentido, o turismo cultural compreende toda atividade turística que possibilita o intercâmbio cultural.

> O turismo cultural no sentido mais amplo seria aquele que não tem como atrativo principal um recurso natural. As coisas feitas pelo homem constituem a oferta cultural, portanto turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem (BARRETO, 2000, p. 21).

O turismo cultural pode ser entendido como a busca de conhecimentos motivada pelas particularidades culturais de uma determinada comunidade, cuja finalidade é unir lazer ao conhecimento artístico, científico, através da sensação de explorar informação em várias regiões (ANDRADE, 2004). É uma atividade que além de contextualizar lazer e cultura, proporciona o resgate da memória das comunidades, a valorização dos patrimônios culturais, bem como o respeito à identidade cultural (BRASIL, 2008).

Dessa forma, o Turismo Cultural é um conjunto das atividades turísticas que promovem a valorização dos bens materiais e imateriais da cultura através de eventos culturais relacionadas à vivência da comunidade, que compõe o conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural (MTUR, 2010; IPHAN, 2006). O turismo cultural abrange a busca pelos patrimônios culturais através das visitas às paisagens, sítios históricos, obras de artes, edifícios, ou monumentos ou ainda pelo resgate da história. É um mecanismo de valorização cultural e de geração de renda. Percebe-se que as atividades voltadas para essa modalidade passam a ser planejadas, visando receber os turistas com

qualidade nos serviços e atrativos, possibilitando a interação histórica e cultural da região (SANTANA, 2015).

Portanto, a atividade turística associada ao uso das paisagens e dos elementos étnicos e culturais como o do canal do Igarapé Pirara, pode ser planejada e direcionada a fim de proporcionar o turismo em diversas modalidades como o Turismo de Aventura, o Turismo Cultural e o Turismo Indígena ou Etnoturismo, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade como um elemento de fundamental importância para preservar as tradições locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a problemática e os objetivos da pesquisa, o estudo buscou por meio da revisão bibliográfica, percorrer os aspectos geográficos e histórico do trajeto Taurî-yamarî (O caminho dos escravos) no Baixo Rio Maú, conhecido como Igarapé do Pirara para estabelecer uma rota histórica ao El Dorado. Dessa forma, a pesquisa mostra que até a entrada do canal do Igarapé Pirara corresponde ao trajeto da rota para o lendário e o imaginário El Dorado, tão cobiçado pelos colonizadores, que esconde os mistérios e as tradições dos povos que habitam na região. Partindo desse contexto histórico e geográfico da rota do El Dorado, traçado pelos colonizadores, pode de fato vir a ser um elemento importante para o Turismo Cultural de Roraima, visando principalmente o resgate cultural e histórico, bem como a preservação do meio ambiente que cerca até a entrada do canal do Igarapé Pirara.

Quanto ao discorrer sobre o desbravamento do El Dorado, a pesquisa mostra a existência de uma rica literatura que retrata um tempo memorável do imaginário e lendário da região, bem como uma bibliografia rica que resgata traços importantes do processo de ocupação e desbravamento da região do Rio Branco, que é fundamental para a compreensão histórica e geográfica do estado de Roraima.

Com relação ao descrever do processo de ocupação do Rio Branco a partir da rota do El Dorado, a pesquisa evidencia um registro essencial para a composição da história e geografia de Roraima, principalmente no que se refere a composição cartográfica e aos arranjos etnoculturais.

No que diz respeito a apresentar uma rota técnica e descritiva até a entrada do canal do Igarapé Pirara, a pesquisa evidencia ser possível estabelecer um roteiro turístico dentro da região de forma planejada e sustentável, preservando os aspectos naturais e recontando a história do lendário El Dorado.

Sendo assim, ao criar uma rota histórica e geográfica até a entrada do canal do Igarapé Pirara para fomentar o Turismo Cultural de Roraima, a pesquisa mostra que o turismo (Turismo de Base Comunitária), pode ser uma alternativa para região, mas precisa ser estudada uma forma de gestão e planejamento da atividade dentro da região. Todavia, essa rota histórica e geográfica até a entrada do

canal do Igarapé Pirara irá contribuir para outras pesquisas que estão em desenvolvimento ou novas, por meio dos acadêmicos, professores e pesquisadores no qual tem interesse pela temática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. V. **Turismo** – Fundamentos e Dimensões. São Paulo: Editora Ática, 2004.

APPADURAI, A. "Disjunctive and difference in the global cultural economy". *In:* FEATHERSTONE, M. (ed.). **Global Culture:** Nationalism, Globalization and Modernity. London: Sage, 1990.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora Edições 70, 2011.

BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades de planejamento. Campinas: Editora Papiros, 2000.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo cultural**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

CAMILO, J. "Em busca do País das Amazonas: o mito, o mapa, a fronteira". **Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**: Passado Presente nos Velhos Mapas. Conhecimento e Poder. Paraty: UFMG, 2011.

CARVAJAL, G.; ROJAS, A.; ACUÑA, C. **Descobrimentos do rio das Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

CARVAJAL, J. E. **La cara oculta del viajero** - Reflexiones sobre antropología y turismo. Buenos Aires: Biblos, 1992.

FARAGE, N. "O curso pretende traçar um panorama da produção em história indígena sul-americana nas duas últimas décadas, com ênfase para a análise de movimentos insurgentes". *In:* ALBERT, B.; RAMOS, A. (orgs.). **Pacificando o Branco**: cosmologias do contato no norte-amazônico. São Paulo: EdUnesp, 2002.

FARAGE, N. **As muralhas dos sertões**: os povos indígenas no rio Branco e a colonização. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra / ANPOCS, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

HULSMAN, L. **Brazilian Indians in the Dutch Republic**: The remonstrances of Antonio Paraupabato the States General in 1654 and 1665. Amsterdam, 2005.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial**: mais educação. Brasília: IPHAN/MEC, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

MTUR. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo**: Experiências, Tendências e Inovações - Artigos Acadêmicos. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

SAN MARTIN, W. R. **O Caminho do Eldorado** (The Discoveries of the Large, Rich and Bewtiful Empyre of Guiana, 1595), adaptação e notas. Porto Alegre: Editora Artes e Ofício, 2002.

SANTANA, Natali Conceição. **A importância da Praça dos Milagres e do Festejo de Nossa Senhora do Livramento como patrimônio cultural para o município de Caracaraí-RR** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Bacharelado em Turismo). Caracaraí: UERR, 2015.

SMITH, A. **Os conquistadores do Amazonas**: quatro séculos de exploração e aventura no maior rio do mundo. São Paulo: Editora Best Seller, 1990.

SOUZA, M. A. M. **O Vale do Rio Branco**: Trajetória de Nicolas Horstman e região de construção da ocupação portuguesa através de Lobo D'Almada (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em História Regional). Boa Vista: UFRR, 2007.

TRIBE, J. "The indiscipline of Tourism". **Annals of Tourism Research**, n. 24, 1997.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 10 | Nº 28| Boa Vista |2022

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima